



## Produtividade de milho grão em cultivo consorciado com diferentes gramíneas tropicais no cerrado brasileiro

Gustavo Henrique Silva Camargos<sup>1</sup>, João de Paula Gonçalves Freire<sup>1</sup>, Gustavo Vinícius Resende Silva<sup>1</sup>, Pedro Drummond Rodrigues<sup>1</sup>, Ângela Maria Quintão Lana<sup>1</sup>, Alan Figueiredo de Oliveira<sup>2</sup>, Lúcio Carlos Gonçalves<sup>1</sup>, Roberto Guimarães Júnior<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, <sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, <sup>3</sup> EMBRAPA/Cerrados

O consórcio de cultivos anuais com gramíneas tropicais é uma prática que tem crescido no Brasil. Contudo, a produtividade do milho pode ser influenciada pela forrageira utilizada no consórcio. Objetivou-se avaliar a produtividade do milho grão (PM) em cultivo consorciado com diferentes gramíneas tropicais no cerrado brasileiro. O experimento foi conduzido na Embrapa Cerrados, DF, em Latossolo Vermelho, distrófico, argiloso, bem drenado, profundo e de baixa fertilidade, seguindo o delineamento em blocos ao acaso com oito tratamentos: 1) híbrido de milho grão LG 36790 VTPRO3 em cultivo solteiro, 2) milho grão consorciado com as forrageiras *Urochloa decumbens* cv. 254-1, 3) milho grão consorciado com *U. decumbens* cv. R86, 4) milho grão consorciado com *U. decumbens* cv. Basilisk, 5) milho grão consorciado com *Urochloa ruziziensis* cv. Kennedy, 6) milho grão consorciado com *U. ruziziensis* cv. BRS Integra, 7) milho grão consorciado com *Urochloa* híbrida (*brizantha*, *decumbens* e *ruziziensis*) (101242) e 8) milho grão consorciado com *Andropogon gayanus* cv. BRS Sarandi, com quatro repetições por tratamento, sendo o gradiente de fertilidade do solo o fator blocado. Nas parcelas (5 x 2,5m) foram aplicados 3 t ha<sup>-1</sup> de calcário dolomítico, 1,5 t ha<sup>-1</sup> de gesso agrícola, 600 kg ha<sup>-1</sup> de superfosfato simples e 400 kg ha<sup>-1</sup> da fórmula 4-30-16 para a correção e a adubação do solo. As sementes do milho (3,3 sementes m<sup>-1</sup>) foram semeadas em sulcos nas 32 parcelas e, as dos pastos, em 28 parcelas, a lanço e manualmente. A adubação de cobertura foi realizada utilizando 300 kg ha<sup>-1</sup> de uréia 23 dias após a emergência das plântulas de milho (DAE). A PM corrigida para 13% de umidade foi estimada aos 133 DAE e as médias comparadas pelo teste SNK ( $P < 0,05$ ). A PM nos cultivos consorciado e solteiro variou de 7.018,6 a 10.117 kg ha<sup>-1</sup>, não diferindo ( $p > 0,05$ ) entre os tratamentos. A ausência de interferência na PM em consórcio com as gramíneas *A. gayanus* cv. Planaltina, *Megathyrsus maximum* cv. Massai e *U. ruziziensis* também foi relatada por Rodrigues et al. (2022). Por outro lado, Sarto et al. (2021), relataram redução na PM quando em consórcio com as gramíneas *B. brizantha* cv. Marandu, *B. brizantha* cv. BRS Ipyporã, *U. ruziziensis* e *M. maximum* cv. Mombaça. A competição entre as plantas no consórcio é a principal causa para a menor PM, podendo ser influenciada pelas características morfológicas das plantas e pelo tipo e densidade de semeadura adotada. Conclui-se que a PM do milho grão LG 36790 VTPRO3 não foi influenciada consorciado com as cultivares 254-1, R86, Basilisk, Kennedy, BRS Integra, 101242 e BRS Sarandi, podendo ser uma indicação de cultivo para a região do cerrado brasileiro.

Palavras-chave: gramíneas tropicais, consórcio, produtividade de milho grão, cerrado brasileiro

Agradecimentos: Agradecemos à EMBRAPA e à UNIPASTO pelo apoio concedido para a execução da pesquisa.

Área do resumo: Forragicultura e Pastagens.